TL295-20

Francisco Xavier de Menezes

TIMOR-LESTE
DA UTOPIA PARA A REALIDADE

Francisco X. de Menezes

1-Timor nas encruzilhadas de grandes estratégias

Perdido nos confins do Oriente, numa área que os geógrafos classificam como "Sueste Asiático", Timor seria no dizer de Camões a terra que no mundo português "O Sol em nascendo vê primeiro". Em contrapartida, se o seu distanciamento do Terreiro do Paço e dos grandes centros de decisão dos tempos coloniais o levou a ser considerado como "situado na banda de fora do mundo", Timor mostrou-se, ao longo da sua História, especialmente vocacionado a ver-se envolvido em encruzilhadas de grandes estratégias.

1.1- O Plano Genial de Afonso de Albuquerque

Este plano, duma concepção geopolítica tão avançada para a época, que só cerca de dois séculos depois seria retomado pelos britânicos, consistia em pcupar posições-chave no Mar Vermelho (Aden), Golfo Pérsico (Ormuz) e na encruzilhada do Sueste Asiático, na Malásia (Malaca), destinando-se fundamentalmente a vibrar um golpe vital no poderio islâmico, ao mesmo tempo que assegurava o domínio da rota das especiarias. O centro de irradiação, o pivot para todas as operações, seria Goa.

Assim, na sequência da conquista de Malaca em 1511 e após contactos estabelecidos nesta praça com comerciantes e mercadores que traziam de Timor o sândalo "salutífero e cheiroso" (Camões), é que surgiu o reconhecimento das ilhas de Sonda e a construção duma fortificação em Solor, quase desguarnecida a não ser por missionários e nativos cristianizados. Daqui, os"paraus" de Larantuca passaram a demandar as ilhas vizinhas, entre as quais Timor.

Os primeiros 140 anos da História de Timor são constituidos por uma presença exclusiva de missionários, tendo a pedido destes só em 1701 sido enviado por el-rei D.Pedro II o primeiro representante da Coroa, Governador António Coelho Guerreiro.

Ainda dentro desta luta pelo domínio das rotas de especiarias e pela expansão da fé cristã e a reacção do islamismo que também tinha uma vertente politico-comercial, e que se mostrava cioso da sua supremacia no Sueste Asiático, onde praticamente tinha destronado o hinduismo, à excepção de Bali e Lombok (séculos XIII e XIV), é de se registar o assalto a Solor pelo Rei Toló de Makassar, cerca de 1641, que viu a sua frota de 150 navios desfeiteada surpreendentemente pelos escassos cristãos de Solor, comandados por Frei Manuel de Ressurreição e pelo Valente Capitão-mor, o nativo Francisco Fernandes. O mesmo Toló, que sofrera avultadas perdas em guerreiros e tripulantes, virou a sua sanha na direcção de Timor onde saqueou e arrasou o litoral, tendo a população preferido pagar-lhe um tributo. E isto,porque se recusava a converter-se ao islamismo, dado que este bania o porco, elemento importante no seu complexo sistema de trocas cerimoniais e rituais.

E é nesta encruzilhada, que os Timorenses optaram claramente pelo cristianismo, ufanando-se, mesmo até há bem pouco tempo, de terem sido conquistados por missionários, pela cruz e água benta e não por força de armas.

Dando um salto apreciável no tempo, é curioso referir ou anotar como na conjuntura presente a percentagem de católicos que era de 20% no Timor Português em 1974 passou agora, perante uma ocupação indonésia, hostil e maioritáriamente islâmica, para 80%.

1.2- A expansão holandesa

Com a concessão em 1602 pelo Governo Holandês do monopólio do comércio do chamado "Arquipélago das Indias Orientais" à United East India Company cuja carta magestática lhe dava direito a agir como poder político soberano, começaram os Holandeses que, entretanto, surgiram como agentes duma considerável potência marítima e mercantil, a tentar vibrar golpes sucessivos em posições portuguesas, aproveitando o facto de Portugal se ter enfraquecido sob uma prolongada ocupação espanhola (1580-1640).

Atraídos pelo sândalo, os holandeses aumentaram as suas incursões a Solor e Timor, tendo nesta última ilha acabado por ocu-

par a metade ocidental. Recorreram, para isso, a métodos pouco arcaicos, como aliciamento e suborno de régulos locais e ataques traiçoeiros com apoio às vezes de potentados islâmicos, aliados de ocasião, etc.

Encontrou-se, assim, Timor mais uma vez numa encruzilhada de duas estratégias, a lusa e a neerlandesa, vendo-se, em 1769, o Governador D.Pedro de Menezes forçado a transferir a sua capital da praça fortificada de Lifau para a enseada de Dili, a Nordeste.

1.3- O Japão e a sua estratégia Panasiática

Em plena explosão industrial, o Japão, já na década de 1930, passava a constituir o que os escritores e historiadores da época passaram a designar como o "Perigo Amarelo", um sério candidato ao monopólio dos mercados asiáticos e do Pacífico que começou a inundar com os seus produtos, oferecendo-os por preços muito mais acessíveis que os das potencias coloniais e doutros países industrializados do Ocidente. Carentes de matéria prima, decidiram os japoneses enveredar por uma expansão manu militari, aliando-se desde o início da Segunda Guerra Mundial à Alemanha e à Itália com quem constituiram o famigerado EIXO. Logo após o ataque-surpresa e a destruição do grosso da Esquadra Americana em Pearl Harbour, fizeram investidas devastadoras, abrindo várias frentes de penetração, impondo a marca da sua dominação à China, às Filipinas, Birmânia, Hong-Kong, Singapura, Bornéu e Malásia e às principais ilhas do arquipélago das Indias Orientais que subtrairam ao domínio holandês.

Aparecendo em toda a parte como "libertadores", começaram por uma política de aproximação e aliciamento, favorecendo e apoiando os movimentos independentistas locais e lançando o slogan de "Ásia para os Asiáticos".

E é nessa política de expansão que visava, em seguida, a conquista do cobiçado Paraíso Australiano, uma super-reserva de carne, cereais e matérias primas em geral e minério em especial, que o polvo nipónico estendeu os seus tentáculos a Timor e a Nova Guiné, posições que serviriam de trampolins para a almejada grande

invasão da Austrália. Perante a neutralidade de Portugal e conhecedores do plano japonês, já comandos especiais australianos e alguns militares holandeses, acompanhados de javaneses e soldados de outrs ilhas, já se tinham instalado preventivamente em Timor, mau grado os protestos do Governo Português representado pelo Governador Ferreira do Amaral.

Viu-se, assim Timor envolvido, a partir de 1942, como peão de mais um xadrês político e de mais uma estratégia, ou antes uma encruzilhada de estratégias, desta vez com relevância para uma potência asiática. Foram cerca de 4 anos de guerrilha com todo o seu cortejo de destruição. E não fosse o apoio, a lealdade, e o espírito de sacrifício dos timorenses, não teriam os aliados, nomeadamente os australianos mantido os japoneses em permanente sobressalto, utilizando todo o peso de uma táctica de desgaste e usura com que conseguiram com cerca de 500 homens entreter e até desgastar sériamente um exército que rondava os 40000 efectivos japoneses, fazendo gorar definitivamente a possibilidade da invasão da Austrália.

Todos estes aspectos influenciaram a política australiana de grande simpatia e hospitalidade para com os refugiados timorenses que desde 1975 demandaram aquele continente.

1.4- O Expansionismo Indonésio e a Estratégia Americana

Vejamos, finalmente, como Timor Leste se vê envolvido numa nova estratégia, algo mais complexa nas suas urdiduras e para a qual convergiram o expansionismo indonésio e a geopolítica americana de contenção no Sueste Asiático que designaremos como Kissingeriana.

Na sequencia de sucessivos desaires sofridos pelos americanos numa complexa guerra, com características de revolucionária clássica ao mesmo tempo, surge na política dos E.U.A., como um autêntico Metternich dos tempos modernos, o estadista e Professor Henry Kissinger, Secretário de Estado (1973/977), membro do "Brain Trust" de dois Presidentes, Richard Nixon e Gerald Ford e campeão das negociações de paz e retirada americana do Viet-

nam em 1973.

É a este estadista que foi galardoado com o Prémio Nobel da Paz (1973) que se deve a célebre "Teoria de Dominós", segundo a qual havia autênticas peças de dominó a serem jogadas e/ou mantidas consoante as exigências de cada conjuntura política. Uma das consequêncais desta teoria foi a de se considerar a Indonésia como peça fundamental de jogo no Sueste Asiático já considerada por Kissinger, desde o início, como de importância primordial no caso de retirada americana do Vietnam.

Aliás, nos bastidores do Tratado de Manila (8 de Set./954) e do aparecimento da SEATO (South East Asiatic Treaty Organization, 1955), contrapartida da Nato no Sueste Asiático, da queda de SUKARNO (Março de 1966) e aparecimento de SUHARTO como figura máxima no horizonte político indonésio, e da criação da ASEAN(Associação de Nações do Sueste Asiático, 1968), estão os "lobbies" e os poderosos jogos de geopolítica americana que procurava manter a todo o custo a avalanche comunizante pro-chinesa e pro-soviética que quase tomara de assalto a Indochina (Vietnam, Laos e Cambodja), registando sérias investidas na Malásia (onde é de se destacar a intervenção do próprio CHE GUEVARA), na Birmânia e na Indonésia. Neste País, a depuração anti-comunista post-sukarniana deu azo a um genocídio de cerca de 1,5 milhões de opositores e supostos comunistas, segundo cálculos mais moderados da AMNISTIA INTERNACIONAL.

Na sequencia do processo de descolonização iniciado com a "Revolução de 25 de Abril de 1974", criaram-se no Timor Português partidos políticos como a UDT -União Democrática de Timor , a ASDT -Associação Social Democrática de Timor , a KOTA (partido dos datos e nobres) e finalmente a APODETI (Pro-indonésio). De anotar que foi a partir da passagem da ASDT para FRETILIN-Frente Revolucionária de Timor Leste Independente, isto é, dum ideário social democrata para socialista, de inspiração marxista leninista, semelhante ao da FRELIMO de Moçambique ao qual o seu líder Xavier do Amaral fora buscar suporte e inspiração em 1975, que a diplomacia indonésia passaria a ter um pretexto para agi-

tar perante os americanos o fantasma de comunismo.

Sem pretender historiar os acontecimentos relacionados com a guerra civil e fraticida em Timor, interessa referir factos relevantes como o golpe da UDT em Agosto de 1975, a reacção da FRETILIN e a tomada do poder e a proclamação unilateral da Independência de Timor Leste pela mesma, a retirada de elementos da UDT e da KOTA para a parte indonésia da ilha e o suposto pedido feito pelos mesmos- quiçá sob coacção-da intervenção da Indonésia. Seguiu-se a evacuação pela marinha deste País do seu Consul em Timor e a criação no cenário internacional em geral e perante as instâncias influentes dos EUA em especial, da imagem de insegurança e instabilidade no Timor Leste e da necessidade urgente duma acção benemérita de alguém que, vendo a "casa do vizinho a arder" se sente forçado a intervir, para apagar o incêndio.

Aliás, já desde o tempo de Sukarno e apesar do "não alinhamento" e do "neutralismo positivo" proclamado na Conferência de Bandung (1955), a Indonésia, com milhares de ilhas e dezenas de povos com identidade cultural diferenciada, a braços com crises internas e tendências centrífugas para a balcanização na sua Nação-Império, consubstanciadas em movimentos separatistas como os das Molucas, Sulawesi, Nusa- Tenggara, Java, Sumatra, Nova Guiné, etc, sempre denunciou apetencia para camuflar os seus problemas internos, desviando a atenção dos seus cidadãos para "inimigos" externos, como já o fizera com o caso de Borneu e Irian Jaya.

Assim, não perderia a oportunidade para, sempre agitando o fantasma de comunismo, invadir Timor Leste em 7 de Dezembro de 1975, numa gigantesca operação na qual intervieram tropas especiais de fuzileiros navais e paraquedistas, com o cortejo de desgraças e a saga da resistencia timorense.

O apoio americano à invasão indonésia foi tão claro e inequívoco-que bastaria anotar a visita do próprio presidente Ford e do seu ministro e conselheiro Henry Kissinger a Jakkarta nas vésperas da invasão do Timor Leste- que não será especulação pensar que o mesmo se insere naquilo que me atrevi a designar como a "Estratégia Americana de Contenção no Sueste Asiático".

2- Da Utopia para a Realidade

Estão em curso negociações e contactos nos bastidores entre Portugal (potência administrante) e Indonésia (potencia ocupante) que unilateralmente integrou Timor na República Indonésia, convertendo-a na sua 27ª província. A própria ONU, por intermédio do seu Secretário Geral Perez de Cuellar, está interessada e participa no processo.

Por seu lado, os principais partidos Timorenses FRETILIN e UDT assinaram entre si um pacto de "convergência nacionalista" e afirmam a sua disponibilidade para negociar sem pre-condições a autonomia e, quiçá, a independência de Timor Leste.

Parece de elementar bom senso e pragmatismo que em todos os "lobbies" políticos, além do apoio até agora"platónico" dos países da CEE e das resoluções inoperantes da ONU, se procure por todos os meios, obter a mudança de atitude e - porque não ?-apoio dos EUA e da Grã-Bretanha, principais fornecedores de armas à Indonésia.

Parece-me, além disso, necessário que a reconciliação entre a UDT e a FRETILIN não passe de declarações platónicas, acabando de vez com os indícios de radicalismo ainda patentes nas comunidades de timorenses em Portugal e na Austrália. Os acordos de convergencia nacionalista terão de passar das cúpulas para as bases para ganharem credibilidade real. Quanto à FRETILIN, embora se registe com agrado as suas declarações solenes entre nós de que aceita um sistema parlamentar e multipartidário num Timor Leste independente, torna-se premente que esta nova imagem seja divulgada no mundo e nos areópagos internacionais. Talvez fosse positivo para este partido o seu retorno às suas raízes e ao socialismo democrático, acabando também com atitudes gestuais de cariz comunista como o punho direito cerrado e erguido, por exemplo.

Se os partidos manifestamente comunistas da Europa do Leste, da Nicarágua na América Latina e a SWAPO, FRELIMO, MPLA, MLSTP e PAIGC na África se apressam em mudar de roupagem, já é altura de alguns timorenses deixarem de brincar a "aprendizes de feiticei-

ros". Chagamos à altura de passarmos da Utopia para a Realidade. Como diz o povo português na sua filosofia ancestral, " quem não quer ser lobo, não lhe veste a pele"

Numa conjuntura que prima pelo pragmatismo político, parece-me salutar que dirigentes dos dois maiores partidos timorenses tenham também mostrado a sua disponibilidade na associação à ASEAN. Deixa, assim, a Indonésia de poder manifestar qualquer receio que um Timor Leste Independente possa vir a ser um vizinho incómodo.

E finalmente, parece supérfluo referir o novo e importante factor, desta vez mais geo-económico do que geo-estratégico, a considerar em todo o processo negocial e que é o petróleo da plataforma intercontinental entre Timor e Austrália. Para já, a Austrália, ultrapassadas as suas reservas iniciais sobre a ocupação de Timor pela Indonésia, passou a seguir à risca a sua "batik diplomacy", apressando-se a abocanhar, num acordo com o invasor, a sua parte do bolo petrolífero, além de ter reconhecido a integração do território e sua conversão na 27ª província indonésia. Daí, também a importância dum lobby australiano mais actuante e reforçado.

Compete, em especial, a Portugal, como potencia administrante maximizar a sua diplomacia, mobilizando todo o apoio da CEE e dos países Lusófonos e Ibero-Americanos. Não seria mesmo de excluir a hipótese de administração provisória de Timor por Portugal, até à preparação da sua autodeterminação.

A tarefa é árdua e difícil e exige uma inteligente e persistente conjugação da luta da resistencia timorense com meios diplomáticos.

Quando se trata de Timor Leste e do seu povo maravilhoso, ocorre-nos a mensagem contida nos versos de Fernando Pessoa:

" Tudo vale a pena
Quando a Alma não é pequena"!

BIBLIOGRAFIA

Boxer, C.R.: The Topasses of Timor, Amsterdam, 1947.

Callinan, Bernard J.: Independent Company, The Australian Army in Portuguese Timor, 1941-43, Victoria, Austra lia, William Heineman, 1984.

Cascais, A.M. Cravo: Timor. Quem é o Culpado? Braga Editora, 1977.

Couto, Diogo de : Da Ásia, Década VI, Livro IV, Lisboa, Regia Officina Typográfica, 1781.

Duarte, Jorge Barros: Ainda Timor, Lisboa, Ed. Gatimor, 1980.

Dunn, James : Timor, A People Betrayed, Queensland, The Jacaranda Press, 1983.

Felgas, Hélio A. E.: Timor Português, Lisboa, A.G.U., 1956.

Fernandes, Pº A.José: Missões em Timor, 1561-1931, Macau, 1931.

Fisher C. A.: South East Asia, London, Mathuen & Co.Ltd, 1964.

Higgins, Benjamin: Indonésia: "The Crisis of The Millstones", New Jersey, Princeton, 1963.

Horta, José Ramos : Funu. The Unfinished Saga of East Timor, New Jersey, The Red Sea Press, 1987.

Leitão, Comandante H.: Os Portugueses em Solor e Timor de 1515 a 1702, Lisboa, 1948.

Leite, Pedro Pinto: As Potencialidades Económicas de Timor Leste e Questões com elas relacionadas, in Primeiras Jornadas de Timor da Univ.do Porto, 1989, p.63-68.

Timor: To be liberated or to be exterminated; That is The Question, Amsterdam, 1989.

Magalhães, António B.: Timor-Leste. Mensagem aos Vivos, Porto, Ed. Limiar, 1983.

Menezes, Francisco X. de: Perspectiva Histórica de Timor-Uma Expansão Cristocêntrica, in Primeiras Jornadas de Timor da Univ. do Porto, 1989, p.33-39.

Neto, João Baptista P.: Geopolítica Tropical, Lisboa, Ed.Policopiada, I.S.C.P.U., 1967.

Panikkar, K.M.: Asia and Western Dominance. A Survey of the Vasco da Gama Epoch of Asian History, 1495-1945, London, George Allen & Unwin Ltd, 3rd Edition, 1945.

Rau, Virginia : O "Livro de Razão de António Coelho Guerreiro", Lisboa, Publicações Culturais da Companhia de Diamantes de Angola,1956.

Silva, Pe Francisco F.de: Conquista por via espiritual da Provincia de Timor para a Nação Portuguesa, Revista de Guimarães, Vol.48-nºs1/31, 1938.

Thomaz, Luiz F.F.R. : Autópsia de uma Tragédia, Lisboa, 1976.

Vários : Timor-Leste em Ano de Viragem (ciclo de debates realizados na Univ. do Porto-1986/87), Porto,Ed.Paz e Justiça para Timor-Leste, 1987.